

DOMINGO IV DA QUARESMA

CIC 1439, 1465, 1481, 1700, 2839: o filho pródigo

1439 *O dinamismo da conversão e da penitência* foi maravilhosamente descrito por Jesus na parábola do «filho pródigo», cujo centro é «o pai misericordioso»¹: o deslumbramento duma liberdade ilusória e o abandono da casa paterna; a miséria extrema em que o filho se encontra depois de delapidada a fortuna; a humilhação profunda de se ver obrigado a guardar porcos e, pior ainda, de desejar alimentar-se das bolotas que os porcos comiam; a reflexão sobre os bens perdidos; o arrependimento e a decisão de se declarar culpado diante do pai; o caminho do regresso; o acolhimento generoso por parte do pai; a alegria do pai: eis alguns dos aspectos próprios do processo de conversão. O fato novo, o anel e o banquete festivo são símbolos desta vida nova, pura, digna, cheia de alegria, que é a vida do homem que volta para Deus e para o seio da família que é a Igreja. Só o coração de Cristo, que conhece a profundidade do amor do seu Pai, pôde revelar-nos o abismo da sua misericórdia, de um modo tão cheio de simplicidade e beleza.

1465 Ao celebrar o sacramento da Penitência, o sacerdote exerce o ministério do bom Pastor que procura a ovelha perdida; do bom Samaritano que cura as feridas; do Pai que espera pelo filho pródigo e o acolhe no seu regresso; do justo juiz que não faz acepção de pessoas e cujo juízo é, ao mesmo tempo, justo e misericordioso. Em resumo, o sacerdote é sinal e instrumento do amor misericordioso de Deus para com o pecador.

1481 A liturgia bizantina tem várias fórmulas de absolvição, em forma deprecativa, que exprimem admiravelmente o mistério do perdão: «Deus, que pelo profeta Natan perdoou a David, quando ele confessou os seus próprios pecados, a Pedro depois de ele ter chorado amargamente, à pecadora depois de ela ter derramado lágrimas a seus pés, ao fariseu e ao pródigo, este mesmo Deus vos perdoe, por intermédio de mim pecador, nesta vida e na outra, e vos faça comparecer, sem vos condenar no seu temível tribunal; Ele que é bendito pelos séculos dos séculos. Amém»².

1700 A dignidade da pessoa humana radica na sua criação à imagem e semelhança de Deus (*Artigo 1*) e realiza-se na sua vocação à bem-aventurança divina (*Artigo 2*). Compete ao ser humano chegar livremente a esta realização (*Artigo 3*). Pelos seus actos deliberados (*Artigo 4*), a pessoa humana conforma-se, ou não, com o bem prometido por Deus e atestado pela consciência moral (*Artigo 5*). Os seres humanos edificam-se a si mesmos e crescem a partir do interior: fazem de toda a sua vida sensível e espiritual um material do próprio crescimento (*Artigo 6*). Com a ajuda da graça, crescem na virtude (*Artigo 7*), evitam o pecado e, se o cometeram, entregam-se como o filho pródigo³ à misericórdia do Pai dos céus (*Artigo 8*). Atingem, assim, a perfeição da caridade.

¹ Cf. Lc 15, 11-24.

² *Euchológion tò méga* (Atenas 1992) p. 222.

³ Cf. Lc 15, 11-32.

2839 Começámos a orar ao nosso Pai com um sentimento de audaciosa confiança. Suplicando-Lhe que o seu nome seja santificado, pedimos-Lhe para sermos cada vez mais santificados. Mas, apesar de revestidos da veste baptismal, não deixámos de pecar, de nos desviar de Deus. Agora, nesta nova petição, voltamos para Ele, como o filho pródigo⁴, e reconhecemo-nos pecadores na sua presença, como o publicano⁵. A nossa petição começa por uma «confissão» na qual, ao mesmo tempo, confessamos a nossa miséria e a sua misericórdia. A nossa esperança é firme, pois que em seu Filho «nós temos a redenção, a remissão dos nossos pecados» (*Cl* 1, 14)⁶. E encontramos nos sacramentos da sua Igreja o sinal eficaz e indubitável do seu perdão⁷.

CIC 207, 212, 214: Deus é fiel às suas promessas

207 Ao revelar o seu nome, Deus revela ao mesmo tempo a sua fidelidade, que é de sempre e para sempre, válida tanto para o passado («Eu sou o Deus de teu pai» – *Ex* 3, 6), como para o futuro («Eu estarei contigo» – *Ex* 3, 12). Deus, que revela o seu nome como sendo «Eu sou», revela-Se como o Deus que está sempre presente junto do seu povo para o salvar.

212 No decorrer dos séculos, a fé de Israel pôde desenvolver e aprofundar as riquezas contidas na revelação do nome divino. Deus é único, fora d'Ele não há deuses⁸. Ele transcende o mundo e a história. Foi Ele que fez o céu e a terra; «eles hão-de passar, mas Vós permaneceis; tal como um vestido, eles se vão gastando [...] Vós, porém, sois sempre o mesmo e os vossos anos não têm fim» (*Sl* 102, 27-28). N'Ele «não há variação nem sombra de mudança» (*Tg* 1, 17). Ele é «Aquele que é», desde sempre e para sempre; e assim, permanece sempre fiel a Si mesmo e às suas promessas.

214 Deus, «Aquele que É», revelou-se a Israel como Aquele que é «cheio de misericórdia e fidelidade» (*Ex* 34, 6). Estas duas palavras exprimem, de modo sintético, as riquezas do nome divino. Em todas as suas obras, Deus mostra a sua benevolência, a sua bondade, a sua graça, o seu amor; mas também a sua credibilidade, a sua constância, a sua fidelidade, a sua verdade. «Hei-de louvar o vosso nome pela vossa bondade e fidelidade» (*Sl* 138, 2)⁹. Ele é a verdade, porque «Deus é luz, e n'Ele não há trevas nenhuma» (*1 Jo* 1, 5); Ele é «Amor», como ensina o apóstolo João (*1 Jo* 4, 8).

⁴ Cf. *Lc* 15, 11-32.

⁵ Cf. *Lc* 18, 13.

⁶ Cf. *Ef* 1, 7.

⁷ Cf. *Mt* 26, 28; *Jo* 20, 23.

⁸ Cf. *Is* 44, 6.

⁹ Cf. *Sl* 85, 11.

CIC 1441, 1443: Deus perdoa os pecados; os pecadores são reintegrados na comunidade

1441 Só Deus perdoa os pecados¹⁰. Jesus, porque é Filho de Deus, diz de Si próprio: «O Filho do Homem tem na terra o poder de perdoar os pecados» (*Mc 2, 10*) e exerce este poder divino: «Os teus pecados são-te perdoados!» (*Mc 2, 5*)¹¹. Mais ainda: em virtude da sua autoridade divina, concede este poder aos homens¹² para que o exerçam em seu nome.

1443 Durante a sua vida pública, Jesus não somente perdoou os pecados, como também manifestou o efeito desse perdão: reintegrou os pecadores perdoados na comunidade do povo de Deus, da qual o pecado os tinha afastado ou mesmo excluído. Sinal bem claro disso é o facto de Jesus admitir os pecadores à sua mesa, e mais ainda: de se sentar à mesa deles, gesto que exprime ao mesmo tempo, de modo desconcertante, o perdão de Deus¹³ e o regresso ao seio do povo de Deus¹⁴.

CIC 982: a porta do perdão está sempre aberta para os que se arrependem

892 A assistência divina é também dispensada aos sucessores dos Apóstolos, quando ensinam em comunhão com o sucessor de Pedro, e de modo particular ao bispo de Roma, pastor de toda a Igreja, quando, mesmo sem chegarem a uma definição infalível e sem se pronunciarem de «modo definitivo», no exercício do seu Magistério ordinário, propõem uma doutrina que leva a uma melhor inteligência da Revelação em matéria de fé e de costumes. A este ensinamento ordinário devem os fiéis «prestar o assentimento religioso do seu espírito»¹⁵, o qual, embora distinto do assentimento da fé, é, no entanto, seu prolongamento.

CIC 1334: o pão quotidiano de Israel é o fruto da Terra prometida

1334 Na Antiga Aliança, o pão e o vinho são oferecidos em sacrifício entre as primícias da terra, em sinal de reconhecimento ao Criador. Mas também recebem uma nova significação no contexto do Êxodo: os pães ázimos que Israel come todos os anos na Páscoa, comemoram a pressa da partida libertadora do Egipto; a lembrança do maná do deserto recordará sempre a Israel que é do pão da Palavra de Deus que ele vive¹⁶. Finalmente, o pão de cada dia é o fruto da terra prometida, penhor da fidelidade de Deus às suas promessas. O «cálice de bênção» (*1 Cor 10, 16*), no fim da ceia pascal dos judeus, acrescenta à alegria festiva do vinho uma dimensão escatológica – a da expectativa messiânica do restabelecimento de Jerusalém. Jesus instituiu a sua Eucaristia dando um sentido novo e definitivo à bênção do pão e do cálice.

¹⁰ Cf. *Mc 2, 7*.

¹¹ Cf. *Lc 7, 48*.

¹² Cf. *Jo 20, 21-23*.

¹³ Cf. *Lc 15*.

¹⁴ Cf. *Lc 19, 9*.

¹⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 25: AAS 57 (1965) 29-30.

¹⁶ Cf. *Dt 8, 3*.